

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa -- 29 de Setembro - 1927

**5 TOSTÕES**

**2.º ANO**

Este numero foi riscado pela Comissao de Censura

71



sempre  
**five**

semanal  
humoristic

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# PAZ... PODRE



--Que tranquillidade!... Que socego!... Como é agradável sonhar!...

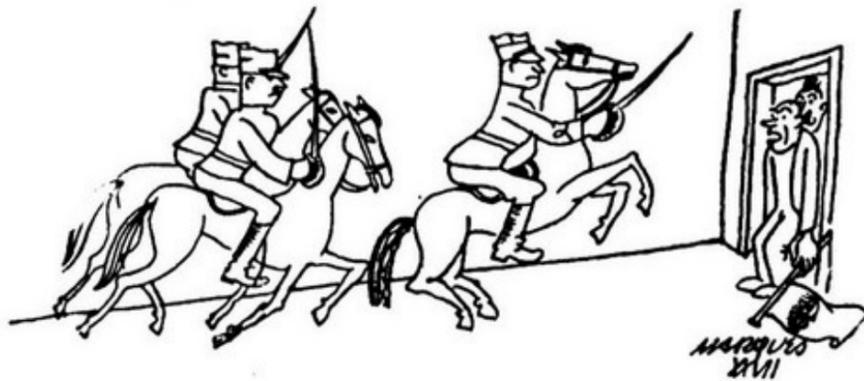
## HISTORIA ALEGRE

# Uma vez, quando na aldeia X... se implantou a monarquia

Viajavamos de noite. Na nossa carruagem de segunda classe quasi todos os passageiros dormiam ou tinham, além dos olhos cerrados, aqueles bruscos movimentos do corpo que pareciam indicar ter-se convertido em sono o aborrecimento da viagem.

A iluminação do compartimento era baça e indecisa, devido a uma candeia que parecia de azeite, embora lastimosamente nos fossemos convencendo que o tempo da iluminação a azeite já passara e, quando muito, o nosso atrazo datava do tempo em que o petroleo dava leis aos espiritos e aos candieiros.

Candeia de azeite, como suspeitavamos, ou de petroleo, como preten-



—Absolutamente. Quem me arrastou a essa convicção foi um primo meu, formado, em Coimbra, bacharel em direito. O país—asseverou-me ele

muitas vezes—é, de norte a sul, monárquico. E' preciso aparecer o primeiro que se revolte—e o resto virá por si, naturalmente. O resto—é cla-



diamos, ali pelas quatro horas da madrugada, ela cerrava sua debil pestana luminosa, quer dizer, apagava-se.

Os passageiros, sem darem por isso, com a mais solonenta das inconsciencias, estavam envolvidos num concurso ácerca da intensidade com que se pode rressonar, fóra do leito habitual.

Alguns assobiavam de modo a fazer-nos adormecer em breves minutos e—quem sabe— a envolver-nos tambem nesse estranho e involuntario concurso. De subito, alguem murmurou, num apelo supremo e num desafio ousado a uma tentativa de cavaqueira, madrugadora e ás escuras:

—Quando eu implantei a monarquia—arriscou.

—Em Portugal?—inquirimos, com comico sobressalto.

—Na aldeia de X... Eramos cincoenta, cheios de boa ventade, animados das maiores esperanças, convencidos não só da victoria, como até das grandes vantagens que para o país adviriam da mudança de regime. Contra nós, de principio, o regedor e dois republicanos muito mal vistos lá na terra, pela sua falta de religião...

—Então, o senhor estava convencido de que da sua aldeia poderia irradiar tão grande e decisiva influencia nos destinos politicos do país?



—Que massada! Queria tomar banho, mas não ha fotografatos..

ro—consistia em a republica dar com os burrinhos na agua...

Convencido de que todo o país me secundava, lancei-me na conspiração e uma manhã, na séde do Grupo Republicano Democratico União e Atracção Familiar Recreativa, que tinhamos fundado para vêr se conseguíamos pagar menos contribuições, a monarquia foi proclamada. Declarámos logo banido o regime e nomeámos um cunhado meu corregedor-mór do reino.

—F a attitude do regedor?

—A principio, fingiu não dar pela conspiração. Depois declarou que, como autoridade que era, a lei não lhe permitia revoltar-se. Só aderiu desde



que o demitissem. Os dois republicanos da terra insultaram-me e responderam-me que não obedeciam a idiotas. O corregedor-mór do reino prondeu um deles e o outro fugiu para a cidade, donde voltou um dia depois, acompanhado por quarenta soldados da G. N. R.

—Travou-se combate?... — inquirimos.

—Desatou logo a população, com o regedor á frente, a dar vivas á republica. Os fieis á conspiração—eramos só dois—foram presos. Entre eles ia o pobre «corregedor-mór do reino».

—Mas isso—atalhámos—é a historia da proclamação da monarquia em Avó, ha uma dezena de anos.

—Não, senhor. Isto é uma feliz inspiração para substituir o quadro da «Trincheira» da revista Olé. Se os autores a quizerem aproveitar... E é tambem uma maneira de evitar que o senhor adormeça e desate a rressonar juntamente com os outros passageiros.

Não fomos da mesma opinião porque, devido á historia, conseguimos adormecer logo e só acordar ás nove da manhã...

Cristiano Lima.



## Os melhores musicos

Conversavam dois caturras, um português e o outro brasileiro, sobre música, quando este ultimo disse:

—Você sabe qual é o país que tem tido melhores musicos?

—Isso nem se pergunta: E' a Alemanha.

—Qual?

—Ora essa?! Então Wagner, Listz e Strauss?

—Qual Wagner, qual carapuçal

—Hom'essa!

—O país que tem tido melhores musicos é o Brasil.

—???!!!!

—Eu no quero falar dos que compõem modinhas, mas, sim, dos que tocam... Eu conheci um home chamado Mangú qui era o millho musico mmo do mundo. O instrumento qui ele tocava era obôé. Você sabi o qui é um obôé? E' um instrumento di pau de maderá qui um home faz tocá como canto di anjo.

«Pois esse Mangú, quando tocava, toda a gente parava e dizia: «E' o Mangú!»

«Nos seus concerto, ás mininas chovavam, tal era o sentimento qui sahia das suas bochechas enfoladas. Os animasinho, quando ouviam Mangú, os ferozes tornavam-se manso e os cães miavam.

—Homem, você deve estar enganado. Olhe que, depois dos alemães, temos os italianos e os espanhóis, mesmo como executantes.

—Você é que ignora, seu môço, a nomeada deste grande musico. Nomeada que até chégou ao Céol!

«Quer você ouvir mais esta? Mangú, uma vez, estava no côro á tocá uma missa cantada e os anjos que estavam no teto da igreja começaram a aplaudir, batendo ás aza. Todos os fieis viram eles...

—Isso não pode ser, homem.

—Mais ainda: uma vez qui se realizava uma procissão, na filarmonica ia encorporado o celebre Mangú; pois mou amigo, de todas as janelas as atenções eram para Mangú. Toda a gente lhi aplaudia o sentimento. Ninguem se importava com os padre nem com os santo. Todas as atenção eram para o Mangú.

«O seu valor era tanto qui até o proprio Cristo que ia no andô, antes di entrar na igreja, apou-se e disse-lhe, cheio de ciume:

«—Pst! Olhe lá, ó seu Mangú, você não pode ir tocá obôé para o raio que o partal!...»

## O "match" Dempsey-Tunney

A nobre arte ... de ganhar dinheiro...

A civilização Americana é uma civilização do cimento armado... ao pingarelho, uma civilização com quarenta e cinco andares, não falando nas trapeiras que, só em pé direito, medem mais de vinte metros pelo Sistema métrico de aumentar muito em uso na America. E' por ele que se medem os homens, os predies, as noticias e até os concursos de dança, que costumam durar apenas alguns meses...

Ora, isto vem a proposito do match Dempsey-Tunney, dois cidadãos muito respeitáveis que resolveram esmurrar-se em publico em troca de trinta e cinco mil contos... Se o match, em vez de ter tido lugar na America, se tivesse realizado no Chiado ou no Rossio, o amigo Dempsey e o amigo Tunney tinham ido para os Pequenos Delitos, pagavam cento e cinquenta escudos cada um e estariam com muita sorte se o dr. João Eloy os não mandasse três dias para a cadeia...

Daqui se conclue que a America é muito mais civilizada, e tão civilizada que conseguiu fazer do box uma profissão que deixa a perder de vista a sciencia dos sabios, o receituário dos medicos e a habilidade dos engenheiros.

Agora que existe a possibilidade de se ganhar uma fortuna a dar sócos, em menos de uma hora, todos esses que estudaram perderam o seu tempo!... Em breve teremos em Nova

York a Escola do Murro, e nos exames para a boxeur será substituída a «raposa» pelo K. O. A nova geração socar-se-ha mutuamente o um filho será o orgulho dos pais no dia em que entrar em casa com as ventas esmurradas.

A civilização caminha... e é exactamente para a caminha que os vencidos costumam ir no final dos combates.

Segundo as noticias dos jornais, Dempsey e Tunney tiveram a guardá-los nada menos do que nove mil policias armados até aos dentes, quinhentos enfermeiros, cento e cinquenta medicos e duzentos bombeiros. Realmente, o material de incendio devia ter sido necessario, porque estavam todos com o juizo a arder...

Mais ha mais! Só jornalistas eram mil e não estava lá o Antonio Ferro... E' claro que tudo isto é numeração americana, em que acabamos por acreditar, pois quem dança o charleston quinhentas horas seguidas é capaz de arranjar um milhão de jornais, quanto mais um millhar de jornalistas.

Se eu tivesse musculo e me sentisse com forças para ser bumbo de festa, passaria a treinar-me para boxeur e não queria outra vida. Palavra de honra que me doutorava em murros porque um sóco bem dado em terra americana é uma lança em Africa...

Vasco de Matos Sequeira.

## CANTINHO DA RIBALTA

III

### Entre empreza e artista

—Qual é o seu ordenado, caro artista?

—Três contos e quinhentos, nobre amigo.

—Dês que sou empresario, e já antigo, nunca paguei tal soma. em tal conquista.

—Três contos e quinhentos! E haja em vista que, muitos, pedem mais.— Pois eu lhe digo: Um conto posso dar. Que não consigo aumentar, da receita, a frouxa lista.

Não baixo. Que isto, em mim, é preço fixo.

—Aceito. E' mais um réo no crucifixo, da teatral ladeira, no calvario!

Final: Nunca foi pago o combinado. E, o grande actor, baixou o ordenado, pois só ganhou um conto... do vigario!

Apanha Cantinhos.

## Bric-á-Brac

### Tiros de precisão

O primeiro tiro foi feito ás 11 horas e meia da manhã.

Esse tiro caiu a 60 metros do objectivo, que representava a torre de um couraçado, e os que se lhe seguiram, em numero de 20, marcaram do mesmo modo uma precisão que mereceu os maiores encontros aos officiais presentes.

(Dos jornais).

A transcrita informação

Diz que ante grande assistencia

De selecta multidão,

Houve ha dias a experiencia

Dos tiros de precisão.

E chega-se á conclusão

Que, p'ra alguém se pôr a salvo

Dos tiros desse canhão,

Bastará pôr-se no alvo,

Que os tiros nunca lá vão!...

Pelos tiros do canhão,

Ha já quem solte suspiros;

Mas, na minha opinão,

Não ha precisão de tiros,

Nem tiros de precisão!...

### Um réclame

Como a antiga Maison Blanche

A sociedade desmanche,

Pôs logo em grande evidencia,

Como toda a gente vê,

Um letreiro onde se lê:

Liquidação da existencia!

Nos duros tempos presentes,

Vai ter milhões de clientes,

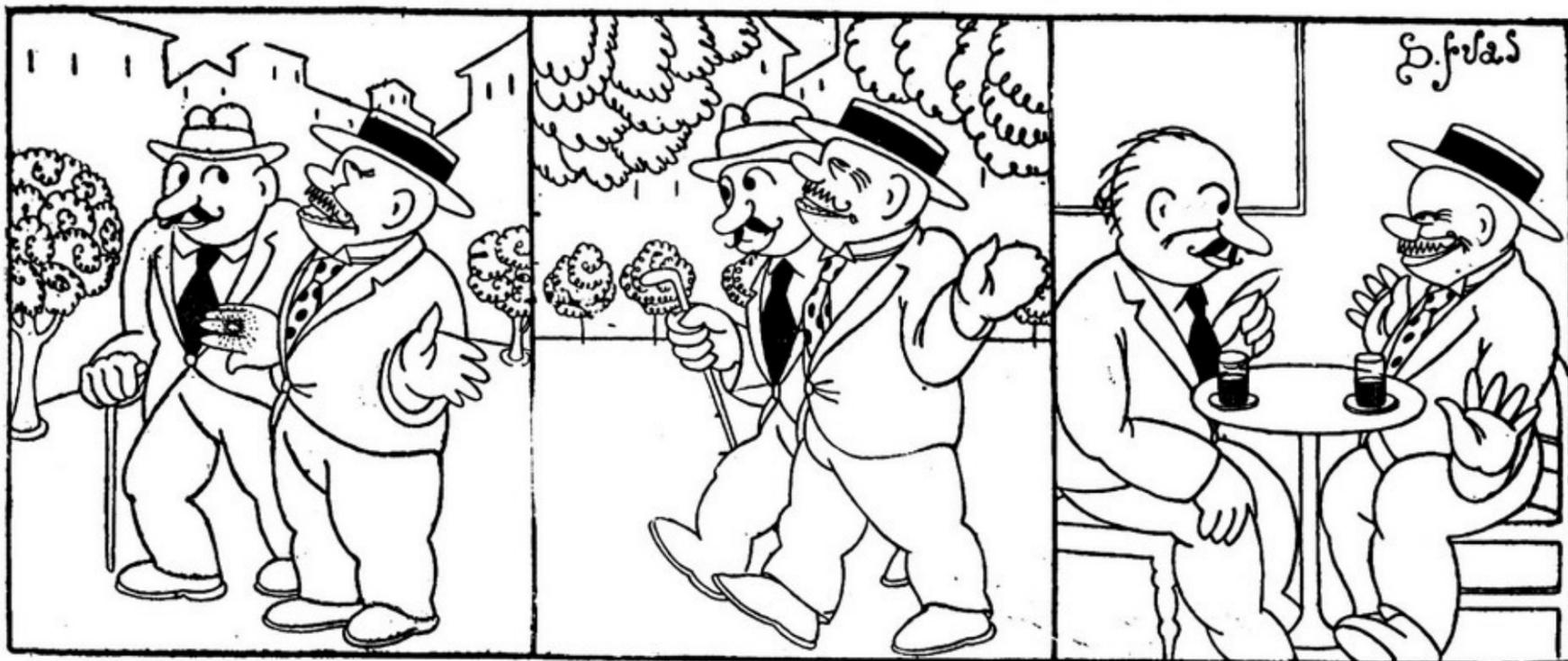
Pois tanto homem se mata

Na presente occasião,

Que muitos vão lançar mão

Duma morte mais barata!

João Fernandes.



—Então aquilo do Porto da Beira, foi um negocio de mão cheia... de aneis!

—E' verdade. Até chegou para comprar estes brilhantes.

—Quer dizer, você está mesmo á beira de ser rico...

—Se o negocio chegar a porto de Salvação estou mesmo á beirinha...

—E se não chegar? O que ha de você fazer á sua vida?

—Ora, meu caro, tenho de trocar os aneis por uma cadeia... de ouro...

## Elevador da Gloria

Ninguém pode ser profeta na sua terra. Quando se descobriram os painéis de Nuno Gonçalves, que não são de Nuno Gonçalves, mas que podem ainda sor-se os deixarem, todos á uma acharam muito bonita a fotografia, mas variaram quanto á identidade dos fotografados. O sr. dr. José de Figueiredo, como bom Custodio das Dóres dos crimes artisticos, levou os painéis ao Posto Antropometrico do pintor Luciano Freire, que lhes tirou as respectivas impressões digitais. Parecia estar o caso arrumado, encaixilhado e colocado no Museu de Arte Antiga. Engano. Não tardou que apparecessem varias testemunhas oculares, mas não presenciais, que chamavam, ao Infante Santo, Santa Catarina, e, como faltava ainda outro santo que não fosse mulher nem homem:—S. Vicente.

Ficou de tór a S. Vicente, bem amargurado e amarradinho do não saberem quem ele era—ou se antes de o ser já o era, como a pescada. Os painéis resistiram a todas estas opiniões, inclusive a do poeta Lopes Vieira, que queria, como de costume, resolver tudo com palavrinhas mansas. Escreveu-se muito sobre o caso e até veio de França certo jornalista, que intentou com festivo gaucho a *Painelada*, que pelo titulo não perde. As hostes catarinistas e vicentistas, cada uma por sua dama e painel, nunca desistiram da luta. Nuno Gonçalves, por estar morto, não se meteu na contenda. Limitou-se a ser corrigido pelo sr. Luciano Freire, com tanto verniz que o cardeal Alpedrinha julgou estar cheirando agua benta celeste—muito diferente, diga-se em abono da verdade, da que ainda sai do *Perfume dos Canos*, perdão, dos *Campos*, excepto no Museu de Arte Contemporanea.

Embora os *painelistas* estivessem zangados, havia um ponto em que estavam todos de accordo:—nenhum deles se entendia com o semelhante. Cada um guardava o seu documentinho irrefutavel, concludente, sensacional. O ultimo appareceu agora, mas guarda-se segredo. Não nos atrevemos a desentlar o misterio. Acreditamos apenas a ideia de que Nuno Gonçalves seja queimado em effigie por ter pregado tantas partidas nos eruditos de arte, assinando uma obra que lhe não pertence, embora para isso nada tivesse contribuido.

A Santa Catarina, que não fez o milagre de iluminar a tempo os espiritos, apesar do sr. Leal jurar pelos Evangelhos a sua fé, recomenda-se a conversão definitiva dos incredulos, para descanso e socego dos que não são *painelistas*, conforme preceitua o sr. Ferreira do Amaral... Se não vamos todos presos por sermos o que não somos. Que se respeite o painel de cada um!...

# Quedas

Carneiro Xavier, segunda vez casado,  
esposo modelar.

Não tem uma só mancha a tingir-lhe o passado.  
Recolhe cedo ao lar.

Sofre de gôta, embora não pareça  
e sente a cada passo  
um peso na cabeça,  
falta d'ar e cansaço.

A esposa, ainda nova, é todo o seu enleio,  
uma paixão que aumenta,  
embora ele já ande á volta dos setenta.

Pois ainda outro dia, o nosso bom Carneiro,  
que além disto é cordato,  
muito sério e pacato,

Foi encontrar a esposa num berreiro,  
a discutir com o primo, um rapaz loiro,  
tenente aviador,  
sobre o grande valor

que teem para nós as tais quedas do Douro.

Agora fala ela:—O primo não me diz,  
quanta força motriz  
anda desperdiçada?

Ao que ele lhe responde:—Mas isso não é nada!  
e até nem quero crer, como a prima dizia,

que nos dão energia  
as quedas. Eu não creio! Isso não pode ser!  
E o nosso Xavier,  
ouve sem compreender  
aqueia discussão.

Então ela a falar, cheia de entusiasmo,  
começa enumerando as enormes vantagens

das *quedas*, ante o pasmo  
do nosso bom Cordeiro: e dando á prosa imagens,  
fala de *irrigação*,

referindo-se ao projecto ha tempo em discussão  
sobre o nosso Alemtejo. Agora o Xavier  
não se pode conter.

Manda calar a esposa,  
que o olha envergonhada e muito desgostosa,  
quando ele, já de pé, vermelho como braza,  
a chega a insultar,  
dizendo que é vergonha ela estar a contar  
o que se passa em casa!

Efe Brito.

## BOM HUMOR

O mendigo bebado:—Oh! minha senhora! Se soubesse a fome que eu tenho...

A bemfeitora:—Não me admira! Para que toma tantos aperitivos?

\* \* \*

—Sabes, o Artur vai-se casar...

—Alegro-me com a noticia!

—Porquê? Ele fez-te algum mal?

\* \* \*

Uma passagem da entrevista:

O reporter:—Permite-me uma pergunta, minha senhora: em que ano deseja ter nascido?

\* \* \*

No atelier do pintor:

—Já está pronto esse Rubens autentico que você me devia entregar hoje?

—Falta só autenticá-lo!...

\* \* \*

—Ouve lá, mamã. Sempre o verdade de que nós descendemos do macaco?

—Não sei, filho. Nunca vi nenhum parente de teu pai!...

\* \* \*

O medico:—Quero que me diga tudo quanto dá ao doente.

A enfermeira:—Ainda... esta manhã... lhe dei um beijo!...

\* \* \*

—Porque não lvas a cara, Joaquito?

—Para quê? Não vês que vai cho-ver!...

\* \* \*

—Uma esmolhinha por amor do Deus! Queira ir ver os meus filhos!...

—Onde é que os deixou?

—No animatografo!



O juiz, ao bebado:—Espero que será esta a ultima vez que o senhor compareça perante mim por este motivo.

O bebado:—Não sei. O senhor pensa em pedir a demissão.

## Humorismo no estrangeiro



—De que te estás tu a rir?  
—Estou-me a rir de tua figura.  
—Não percebo porquê?  
—Porque não sei como te atreves a sair sem guardar a chuva!...



O banhista:—Graças a Deus que, ao fim de um ano de sobressaltos e perigos, posso finalmente estar tranquilo um momento, sem medo dos accidentes de rua.



—Ontem, a perna de pau causou-me dores horrivcis.  
—Mas doi-te a perna de pau?  
—Não. Foi a minha mulher que m'a atirou á cabeça.



—No dia do meu aniversario, minha mulher ofereceu-me quatro calzas de pó de arroz.  
—E tu que lhe deste?  
—Uma caixa de cigarros.

# Guilherme Maia

Antigo aficionado  
Comandante dos Bombeiros Voluntários



Em tempos, repimpado num sector, o gordo Maia, em vez adocicada, gostava de largar grossa piada, por ser, de toiros, velho entendedor.

Tão grande, d'aficion, era o amor que, um dia, até sonhou ter uma espada p'ra despachar um curro d'enfiada, como se fôra um exímio matador.

E vai d'ahi—ô caso 'straordinario—mais tarde, foi o sonho realidade, mas não com fero instinto sanguinario...

Teve uma espada impondo á humanidade o brio salvador do voluntario!

E, ass'm, um homem muda com a idade!

José Barbosa.

## CONTRA OS BEBEDOS

Segundo uma ordem da Policia, de futuro, todo o individuo apanhado em flagrante delicto de embriaguez será entregue, se fôr estudante, ao professor mais severo, se fôr empregado no commercio, ao patrão, e se fôr casado, á esposa!

Já dizia o sapateiro de Braga:—Haja moralidade... ou comem todos! Sendo assim, muitas pessoas ficarão ao abrigo desta ordem. Exemplifiquemos:

O Patrão, se fôr solteiro.

O Professor, nas mesmas condições.

A Mulher que se embriague de algumas horas que o marido.

Só vejo uma saída no grande bêco em que se meteu o illustre comandante da Policia:

Entregar o primeiro aos empregados, o segundo ao Ministro da Instrução ou aos alunos e os terceiros ao conservador que os casou ou aos respectivos sogros, isto na hipotese destes e aquele não se embriagarem!

Actualmente, aos domingos, é proibido vender bebidas ao balcão de qualquer estabelecimento, com excepção de cerveja, vinho abafado e... aguardente!

Prova-se com isto que a aguardente não embriaga. Por este motivo, um querido amigo meu, chamado Ivo da Silva, como era já conhecido pelo Ivo, crismou-se, com receio de alguma perseguição, para E...aguardente de Monforte, prestando assim homenagem á linda vila alentejana que, embora o não tivesse visto nascer, sofreu o desgosto de ha anos o ver cair de caixão á cova, com uma formidável bebedeira...

Roix.

## A NOVELA DO "FIXE"

# A protectorora dos animais

A senhora Piedade tinha um coração tão grande que, para o encher, não bastando o amor pela humanidade, tinha que o completar com o amor pelos animais de toda a especie.

Passava a vida a apanhar gatos vadios, a curar cães chagados e a fazer a propaganda contra os toiros de morte.

Como ela fôsse rica, estas despesas não lho faziam grande perda nas finanças, o que lhe garantia que a



Conseguiu ser a maior criadora de porcos

cidade Protectora dos Animais, lho mandasse pôr uma coroa no coche fúnebre, quando ela passasse desta para melhor.

Mas ela, um dia, desapareceu de Lisboa. E' que, em tempos, herdou, de um primo em decimo terceiro grau, uma enorme propriedade em Cortiços de Baixo, no Alentejo, onde calculava terminar os seus dias.

Ora, na primeira noite que ela passou na herdade, foi despertada pelo grunhir aflituoso de um porco, que uma mão criminosa tentava martirizar, e dahi resolveu acorrer pressurosa para pôr cõbro a tal patifaria.

Era o visinho Gosma que, montado no porco, tentava meter-lhe a faca nas guelgas.

A' vista do pobre animal na perspectiva de lhe tirarem as miudezas para chouriços de sangue, o dito da D. Piedade subiu-lhe á cabeça e gritou, furiosa:

—O que está você a fazer ao pobre animal? O que é que ele lhe fez para o estar a martirizar?

—Ora essa!—disse-lhe o tio Gosma. Sou a sua hora e tem que morrer.

—O quê?! Você quer matá-lo?

—Ai não!...

—Mas, você, é uma besta!—vociferou a D. Piedade, fôra de si. Abusar assim da força para matar um animal que não lhe fez mal nenhum! Não, não pode ser!... Eu compro-lhe o animal. Quanto quer por ele?

O Gosma viu logo um negocio e avaliou o porco em três vezes o seu valor.

O negocio fez-se e a D. Piedade levou o porco.

O caso foi logo conhecido em Cortiços de Baixo e todos os lavradores pequenos que tinham porcos conseguiram vendê-los, por intermedio do Gosma, á benemerita D. Piedade.

O Gosma ia enriquecendo pelos porcos que lhe levava e os fundos da D. Piedade iam diminuindo, com a agravante de os ter que sustentar e ainda com a despesa dos pedreiros para fazer arribanas para toda aquela interminavel bicharia, tão bizarramente arrancada á morte.

O que se sabe é que, dentro em pouco, a D. Piedade estava á testa da maior porcaria de Cortiços de Baixo, já tão falada nas circunvisinhanças, que até vinha gente de longe para a vêr.

Mais tarde, os porcos começaram a reproduzir-se de tal fôrma que até tinham junto da cozinha e do quarto da cama da D. Piedade que, tão desfalecida nos seus rendimentos, recebia já com agrado algumas propostas para a venda de alguns exemplares.

—Ao menos que os tratem bem—dizia ela.

—O' minha senhora, esteja descansada—respondia geralmente o comprador, que era um salicheiro. Os porcos, na minha casa, é o mesmo que estarem no céu!...

E, por esta forma, a senhora Piedade conseguiu, em Cortiços de Baixo, ser a criadora de porcos mais reputada da região.



—O quê? V. quer matá-lo!

Passam-se tempos e a Sociedade Protectora dos Animais, no fim do ano, quando fez a distribuição das recompensas, nem sequer se lembrou da D. Piedade figurar no boletim anual como benfeitora.

—Que grande pouca vergonha!—disse a Piedade.—Vá lá a gente ser boa para os animais. Nem uma referencia no boletim anual, como de costume... Má rais parta a Protectora e mais a sua ingratidão. Vá lá uma pessoa ser amiga dos animais.

Reporter B.



Como a Figueira continua no cartaz e a Carreira prossegue em ensaios,—consta que Raquel Meller exige, por uma questão de amor-próprio, que o Nicolino toque La Violetera ou a Flôr del Mal pelas alturas do Si tu no m'ami, ebene: io mamo... perdão!... io t'amo,—em uma occasião unica para... não ter graça nenhuma, retardando a grande fita que, quotidianamente, passa em todas as telas, sem um desfalecimento, sem que o publico proteste contra a constante exhibição daquela super-pouca-vergonha.

Debalde, pessoas de bom senso, entre as quais, sem falsa modestia, se coloca o joven autor destas linhas, teem clamado os quatro ventos que isto não pode continuar: assim, que português não é bunde e que nós todos, cinefilos, precisamos vêr, de uma vez para sempre, legendas bem intercaladas, bem redigidas e bem reproduzidas.

Todos nós, os que protestamos, sabemos que fazer o texto dum film, traduzi-lo que seja, não é tarefa facil. Muito pelo contrario, um legendista necessita de reunir conhecimentos pouco compatíveis, como seja: conhecer bem cinema e saber bem português.

Já que a arte muda não consegue ainda impôr-se independentemente da literatura, já que o cinema puro e a cinegrafia integral são ainda utopias, necessario se torna dar ao texto, por ora indispensavel, que facilita a compreensão dum filme, toda a clareza, toda a exactidão e a maxima simplicidade. Um filme nunca deve ser um livro com illustrações animadas. As legendas devem, pois, ser as menos possíveis, curtas e explicitas.

O que mais difficulta o trabalho do legendista é a criteriosa escolha das legendas indispensaveis, pois são essas

que, na pratica, são as mais directas, ao teatro, que o cinema deve ir aprender a falar. Ahi, theoreticamente pelo menos, os personagens dizem apenas o que, na vida, se diria, em identicas circumstancias. Nunca se viu um actor explicar, em aparte, ao espectador, donde vem, onde está e para onde vai. Todas essas indicações devem surgir, naturalmente, no dialogo.

Porque será então que, no cinema, se escreve tudo, tim-tim por tim-tim, sem consideração pela eloquencia evidente da verdadeira expressão internacional—a imagem?

Apenas me recôrda um filme perfeito, sob esse ponto de vista: o incomparavel Amo e Senhor, que... adormeceu meia Lisboa.

Porém, poucas censuras haveria a fazer se apenas por esse lado pecassem as nossas legendas. O mal já vem lá de fôra e não teriamos a ingenuidade de pedir aos nossos tradutores que corrigissem os erros tecnicos apontados. Mas o que nós temos o direito de exigir é... que se matriculem em instrução primaria!

Não vale estropiar a nossa pobre lingua!—que, assim, na sua vida de pronunciaçào, como na gravidade e composiçào das palavras, é lingua excelente,—como disse o meu falecido amigo Chico Rodrigues Lobo, na Presidencia da Republica na Aldeia— nada do corte, por via do corte...

Não vale emaranhar, como num saldo á escolha, as muitissimas ortografias officiais e não-officiaes; não vale suprimir a cedilha de caça, nem meter os êfes pelos pés, para não dizer: meter os pés pelas mãos; não vale pôr vírgulas como quem põe pontos nos ii; não vale distribuir a granel os traços do união; não vale aproveitar parte da versào brasileira, sem quer saber si o tipo é uniforme ou si o publico é trouxa!

E, sem deixar de pedir desculpa ao leitor que se dispunha a rir, mais uma vez, com a minha habitual e inconfundivel graça, desejando, com muitos orals, que o meu protesto no caia em saco rôtto, ecoando por esses salões fôra,—uns assobiozinhos a proposito seriam de infosismaveis efeitos,—tenho dito!

Relardador.

Sortes grandes?  
só o PINA as vende  
75 — Rua de S. Paulo — 77

## CANÇÃO NACIONAL

## FADO DAS AGUAS

## Mote

As aguas deste país  
não ha mesmo quem as conte.  
Ha mil e um chafariz,  
mais a Maria da Fonte.

## Glosas

O Imperador do ... vela  
é o senhor Carlos Iª reina,  
o que regula a torneira  
nas securas da guêla.  
Galegos do Hedondela,  
nesta cidade ...  
inda andam com os barris  
e ainda o vulgo diz  
que são as de bacalhau  
as aguas deste país.

Das aguas da capital,  
ha a bica do Sapato,  
ha o chafariz do Boto  
e as aguas do Arsenal...  
O lago da Felgueira  
é uma reserva num monte,  
não tendo medo que a afronte  
a Cedro, Sintra ou Conçães.  
Por tal, juro e peço meças,  
não ha ninguém que as conte.

A do Carmo, a d'Alegria,  
tem a Mãe nas Amoreiras,  
tem a agua das Felgueiras,  
a do Andaluç ou Curia.  
Em Vizela, quente ou fria,  
a de Moura, do Assis,  
a Poca dos Estoris,  
tê me lembro com saudade  
do que adentro da cidade  
Ha mil e um chafariz.

Tomos as Pedras Salgadas,  
do Bonjornais e a do Belas,  
tens os Cucos e Caldelas  
e as das Caldas sulfuradas.  
P'r'ás gentes reumatizadas,  
dum financeiro horisorte,  
Banzão tem aguas num monte,  
e por coisas que eu cá sei,  
ha o Chafariz do Rei,  
mais a Maria da Fentz.

Reporter B.

## CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magníficos almoços à Franceza  
JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife à Chic

(especialidade)

Explendido café

Escolhida frequencia



— Oh minha, aquele é o outro papá?



## Previsão dum possível acontecimento

O *Diario de Noticias* de 24 do corrente publicou o seguinte telegrama, com titulo e sub-titulo:

## Um toureiro medroso

leva o presidente da corrida a descer à arena e a matar o touro

BADAJOS, 23.—Numa novilhada que se realizou ontem na povoação de Olita, o matador «Morenito», sentindo medo, e-gou-se a tourear. O presidente da corrida desceu á arena e, empunhando o estoque, matou superiormente. A multidão aplaudiu-o, tendo-lhe sido oferecida a orelha do bicho.

Que o acontecimento é autentico prova-o a publicação de identico telegrama no *Seculo* e noutros jornais portugueses, além dos longos relatos da imprensa espanhola.

A sua leitura, atenta e reflectida, suggeriu-nos a verosimil hipotese do se dar no Campo Pequeno a repetição do medo dum toureiro que, negando-se a matar o touro, provocasse do presidente da corrida o gesto de descer á praça, matando superiormente, com aplausos do publico e concessão da orelha do bicho. E, como é natural, fizemos mentalmente a previsão do acontecimento *in loco*.

O presidente das corridas de touros de morte tem sido o sr. comar-dante Ferreira do Amaral e, sem o menor desrespeito, é sobre o valente official que somos obrigados a fazer recair a hipotese.

Vejamos—O «Maléto», e isto é perfeitamente possível, dada a quantidade de «Maléto» que cá tem vindo, dá o espectáculo indecoroso do seu terror.

O sr. Ferreira do Amaral dá pela coisa e segreda ao «inteligente»:

—Diga lá a esse gajo que, se continua com medo, lhe mando cortar o cabelo!

E o «inteligente», o *Rodriguito* ou o Manoel dos Santos, traduz ao «Maléto»:

—Dice el Señor Herrera del Amaral que se usted signe con miedo, lo manda cortar la coleta!

O «Maléto», que já estava com medo, redobra de pânico ante a ameaça de ficar sem o apêndice da profissão, e declara que não mata nem que o matem.

O sr. Ferreira do Amaral não está com meias medidas e, com aquella decisão que todos lhe reconhecem, mita o presidente de Oliva, descendo á arena ao tempo em que grita para os seus guardas.

—Deportem-me esse papo-seco para o Governo Civill!

E, com a *muleta* que habitualmente usa sob a fórma de bengala, dirige-se a um amigo intimo, por ouvir dizer que a morte do touro se costuma brindar a um amigo intimo. Este amigo intimo é, por exemplo, o sr. dr. Albino Valente. O novel matador cofia as barbas, por não ter *coleta*, e brinda:

—Vaya por el doctor Valiente, y se este valiente no mata el toro, que sea el toro que mate el valiente!

—Olé!—grita o sr. Luís da Gama, que tambem é comensal do Rescitorio de Santo Antão.

Antes de se iniciar a *faena*, e como o touro sangrasse das varas e das bandarilhas, é pelo sr. dr. Albino Valente alvitado que se faça a reacção de Wassermann ao sangue do bicho.

Mas o sr. Ferreira do Amaral não está para demoras e chama um policia sinaleiro para indicar o caminho do touro ao investir com a *muleta* do seu comandante.

Um passe ade la muerte, e o sr. Ferreira do Amaral escapa. Outro de peitos, de peito ás armas dado. Mais um «ajudado», ajudado por um policia. E a «faena» continua, valentissima e apuas interrompida pelo sinaleiro, que pretende obrigar o touro a cumprir as leis do transitio, dando a volta pelo Rossio antes de entrar no bitesga da *muleta*.

O bicho está dominado, lingua de fóra e labio grosso pendente, e é tão extatica a sua attitude que se ouve o sr. dr. João Eloi lembrar:

—Veja lá se ele tomou coca!

Mas o sr. Ferreira do Amaral não coça vestígios de estupefaciencia e, acabando-se-lhe a paciencia, berra seu subordinado:

—Venga la espá!

E trazem-lhe a *coespá* que lhe foi oferecida pela corporação no Terreiro do Paço.

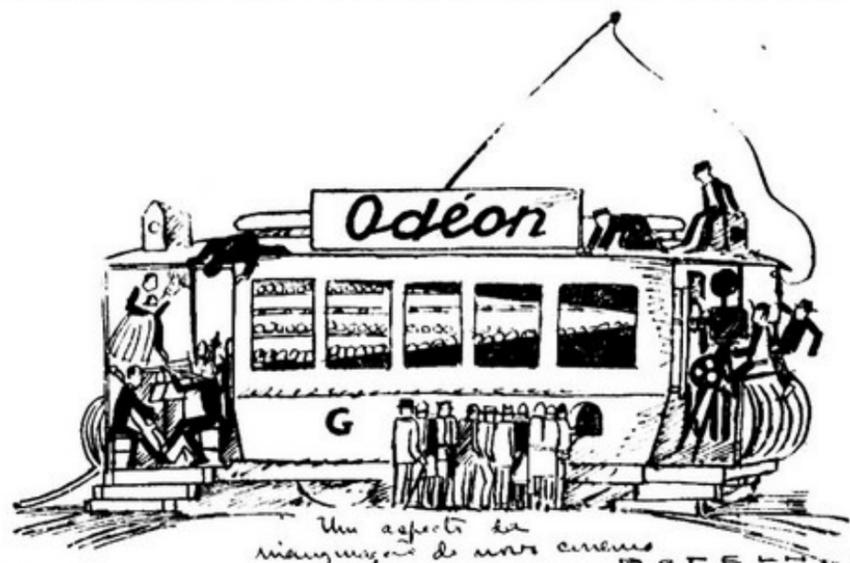
Perfilase, faz continencia e, entrando mais torto que direito, enterra o estoque no caelaco da vitima.

O entusiasmo é delirante, a multidão aplaude a acção do heroico official e saem das albeiras sete mil lenços pelindo a orelha do falecido para o touricida.

Chovem chapéus e charutos «de picaro», que são os mais tauromaquicos, e o sr. dr. Albino Valente faz o habitual «regalo», que consiste numa caixinha de New-Salvarsamm.

E agora os senhores dirão se não está aproximadamente certa a previsão do acontecimento de Oliva, na hipotese de se dar em Lisboa.

Perez la chaise.



Um cinema tão á cunha que parece um carro electrico

PEÇAS SOBRESSELENTES  
do nosso corpo

Quem do corpo precisar  
pedaços sobresselentes,  
nesta terra ha de encontrar  
as peças mais diferentes.

Para o tipo que entisique,  
CABEÇA de Montachique,  
p'ra uma sogra, p'r'ó inverno,  
tens a BOCA do Inferno.

Se um amor é como o gelo...  
travessa do COTOVELO.  
P'ra quem tenha um lombo estica,  
as COSTAS de Caparica

P'ra chorar's a tua magua,  
vai direito aos OLHOS d'Agual  
P'ra cerzir uma costura,  
tens a linha de CINTURA.

Quem 'stiver mal duma pata,  
pode ir a BRAÇO de Prata...  
Quem tiver um casco mau,  
que vá á PERNA de Pau...

Se duma dor participas,  
lá tens a Horta das TRIPAS,  
e, p'r'ás dor's intestinaes,  
a BACIA de Cascais...

Reporter B.



—Ele leva-te do electrico ou do taxi?

—Quando eu tenho dinheiro, levome de taxi.

## GRANDE GARAGE UNIÃO, L. da

A unica que possui melhores acomodações  
a preços reduzidos

Venda de oleos, gasolina  
e accessorios

Officinas para todas as reparações

Rua Visconde de Santarem, G. G. U.

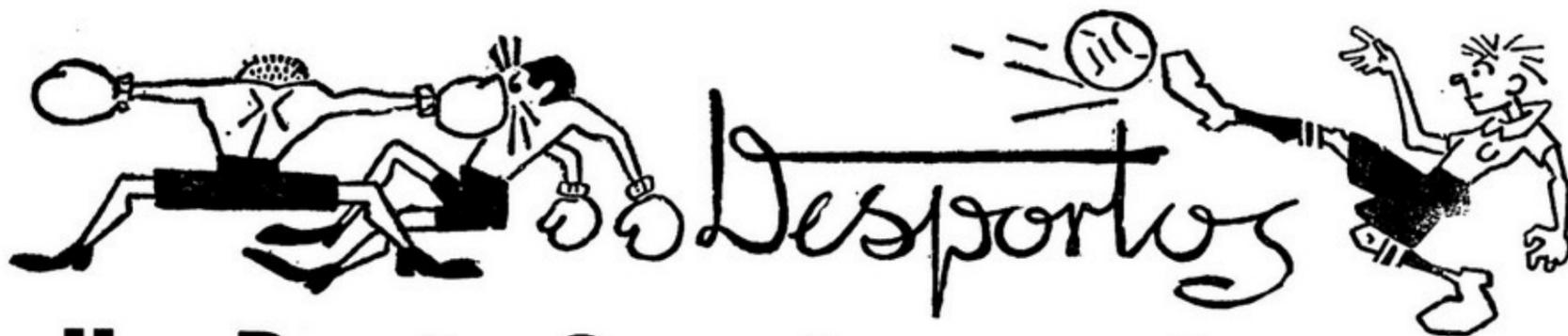
(ao Auco do Cego) Tel. 994 N.

.....



—O que hei de eu fazer agora com a maquina toda escangalhada?

—Não te aflijas, meu filho, porque eu vou mandar chamar o Herbert Dias, do «Modern Office», que a arranja com a maxima rapidez e competencia.



# Um Romão Gonçalves na America

## CREPUSCULO DOS DEUSES... DE BEMFICA

O melhor do encontro Tunney-Dempsey não foi o combate.

O melhor foi o delicioso Paolino a dizer coisas extraordinariamente comicas sobre o combate.

O lenhador vasconço, quanto mais tarefas leva dos pugilistas americanos, mais fala em ser campeão do mundo. Os yankees divertem-se á doida com ele—e o homem já conseguiu ser uma especie de edição americana do Romão Gonçalves. Só lhe falta fabricar um Paolinini.

Um jornalista bem humorizado ouviu-o sobre o grande match da semana passada.

E Paolino não esteve com meias medidas. Declarou logo que bateria o Dempsey á vontade. E, quanto ao Tunney, na fórma em que se encontrava, a coisa parecia-lhe facil...

Realmente, não deve ser difficil... desde que o campeão tenha as mãos e os pés amarrados... e uma bebedeira de whisky...

\*\*\*

Um diário da manhã de ante-ontem diz que:

—«O Bemfica atravessa, integramente, uma fase crepuscular.»

A direcção do glorioso Clube mandou já comprar dois pacotes de velas.

\*\*\*

A maior novidade desportiva deste mês é o *récord falsificado*.

É uma inovação francesa... e aeronautica.

Foi seu inventor o francês Callizo, que por vezes bateu o *récord* de altitude, elevando-se a 12.000, 12.500 e 13.000 metros.

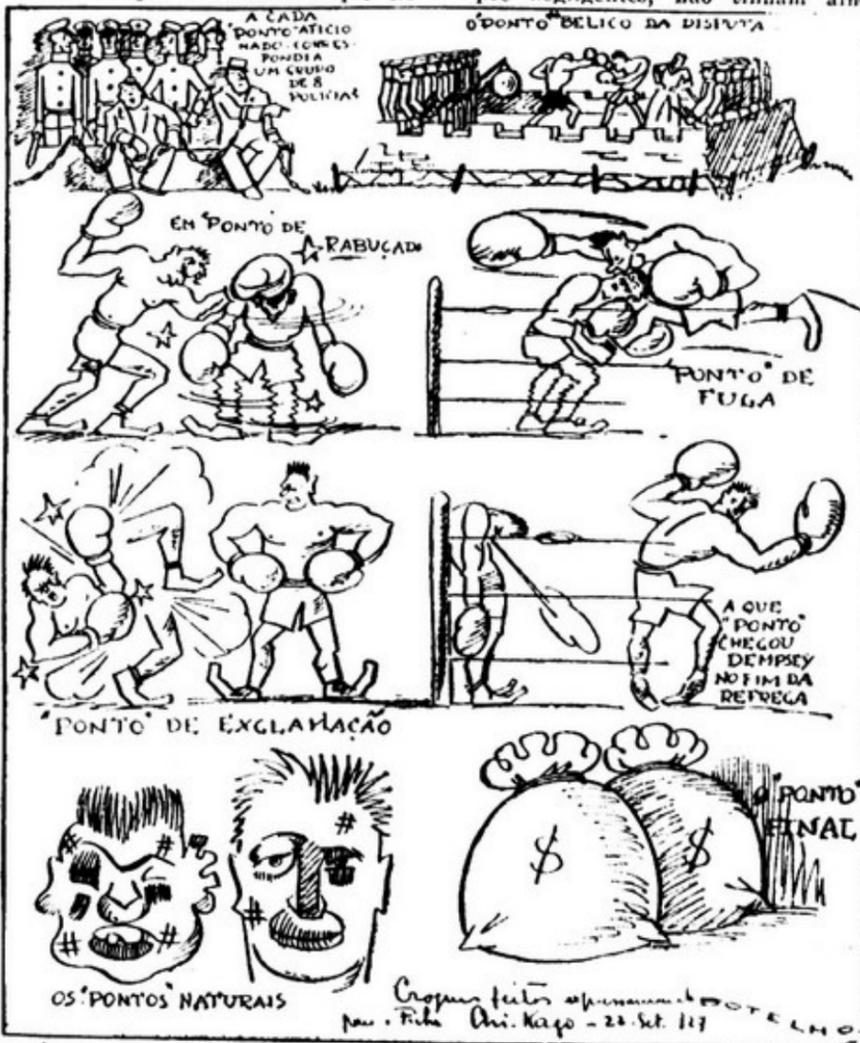
A invenção merece ser descrita.

Alguns dias antes dos seus *récord*s, Callizo recebia dos serviços officiaes o barografo e a folha respectiva. Como o pequeno aparelho de precisão só era chumbado no momento da partida—tranquilamente, em casa e com os pés no quente, o homem traçava o

grafico do seu *récord*, com tinta simpatica.

Como era um modesto, não exagerava... Porque a verdade é que ele

podia perfeitamente ter-se attribuido a altitude de 20 quilometros! Diga-se, contudo, que os serviços officiaes, sempre negligentes, não tinham ainda



### Combate aos pontos

previsto esta altura... e as folhas do aparelho não eram sufficientemente altas...

Emfim, quando chegava o grande dia, o homem fazia selar o barografo, instalava-se na carlinga e, com um pequeno injector cuja ponta passava por uma fenda, vaporizava a folha com um produto quimico revelador.

Após o que: descolava, ia dar uma voltinha de pai de familia e voltava a aterrar num tempo extraordinario...

Da primeira vez: teve graça...

Da segunda: passou...

A terceira: *marimbou-se*...

Esconderam-lhe um barografo autentico debaixo do assento e verificou-se que o homem não passara dos 4.000 metros.

Mas, antes de o desqualificarem por toda a vida e de o riscarem da lista dos *récord*s, houve imensas conferencias misteriosas. Os favores de que beneficiava, violando as regras do *controlé*, eram o resultado de poderosas influencias... E compreendese. Ele era, para todos os fanaticos dos *récord*s, para todos os espiritos envenenados pela politica das proesas extraordinarias—a ultima trincheira da fama aeronautica da França!

Em suma:—pode dizer-se que Callizo cai de alto! Mas não tão alto como parece... Porque, emfim, 4.000 metros ainda não é o fim do mundo...

O que os americanos devem rir...

Quando um dos seus pilotos subiu a 10.000 metros, os franceses encolhiam os ombros:

—«Olhem para Callizo...!»

Mas quem deve rir mais é o Gaurisankar. Porque Callizo queria voar sobre o Gaurisankar, a mais alta montanha do mundo, no Himalaia.

Pelo menos, dizia-o. Mas deve ter reflectido...

Uma montanha de nove mil metros sempre deve ser uma coisa capaz de resistir á tinta simpatica e ás pulverizações quimicas...

### Rebola-A-Bola.

## JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucaliptos na Jamaica

(Romance d'aventuras anfibias)

Original de M. A. Caco Velho

### Capitulo XXIII

Jorge dirigiu-se immediatamente com o aviador para o local onde ficara o aparelho. Durante o caminho, Pirolit referiu ao seu companheiro que, tendo partido de Chicago para dar a volta ao Mundo, ao Seculo e ao Diario de Lisboa, pelas alturas do Cabo Frio, o motor começou a tremer, tendo de lhe vestir um sobretudo, uma gabardine e, por fim, doitar-lhe por cima um cobertor de *papa na caixa*. Só assim conseguiu aquecer o motor e continuar a viagem com alguma regularidade, mas, horas depois, começou a trabalhar mal. Julgava-se já perdido quando uns foguetões lho chamaram a atenção e, julgando tratar-se dum ancoradouro flutuante, desceu e aterrou ali. Eis como se encontrava na ilha da Solitaria. Salvaramo

a imaginação do velho domador de serpentes, que mais tarde vem a prestar a Jorge um relevante serviço.

### Capitulo XXIV

A condessa de Poisson Epé, ao ver o estado interessante em que se encontrava a criada Josefina, fez-lhe notar a incorrecção do seu procedimento, ameaçando-a de se queixar ao dono do hotel. A admoestação foi mal recebida pela serva que, sem respeito pelo herarquia social da titular, retorquiu com um gesto anguloso em forma de fátcha. A condessa, vendo-se desrespeitada, ripostou com um *directo*, porém com tanta infelicidade que, acertando na *fonte santa* da criada, esta caiu imediatamente, imóvel e silenciosa, como uma pesada maquina Pfaff.

A condessa, consultando o coração do Josefina, constatou que o mesmo deixara de trabalhar, por ter entrado na hora do descanso eterno. Sem perda de tempo, fez a mala, compôs a *toilette*, fechou a porta do quarto á chave, cuja guardou cuidadosamente, e, liquidando a conta na *caixa d'oculos*, saiu do hotel, dirigindo-se para o entreposto, entre as dez e as onze.

Ao meio dia, devia partir para a Jamaica um navio que transportava uma *leva de cadastrados* por crimes sociais. A condessa adquiriu uma pas-

sagem e embarcou, dando o nome de *Mistress Calf Chagrin*.

Entretanto, no hotel, uma criada, querendo fazer a limpeza dos quartos, encontrou a porta do *appartement*, onde se hospedara a condessa, fechada á chave. Inquirindo se a hospedeira se retirara definitivamente, soube que a mesma pagara a conta. Comunicado o facto ao dono do hotel, este determinou que a porta fosse arrombada. A criada, ao ver a sua colega estendida no chão, pálida e loira, muito loira e fria, gritou por socorro, acorrendo todo o pessoal das *camaras pestanas*, inclusivé o *Vatel* dos laboratorios culinarios, com os seus *passavantes* e *chameleiros*.

O proprietario do hotel ficou *passado pelas brazas*! Imediatamente correu ao telefone, ligando para a *Investigação*, pedindo a comparencia dos agentes Baldi Belem pela *Pampulha* e Custodio das *Dóres de dentes cariados*.

### Capitulo XXV

Jorge e Pirolit encetaram os seus trabalhos de afinação em dj maior do motor do aeroplano. Com os seus largos conhecimentos de *electricidade*, Jorge, em poucos minutos, encontrou a razão da avaria. Tornava-se, porém, mais complicada a reparação da *pi* e do *entrecosto* da helice, mas o velho

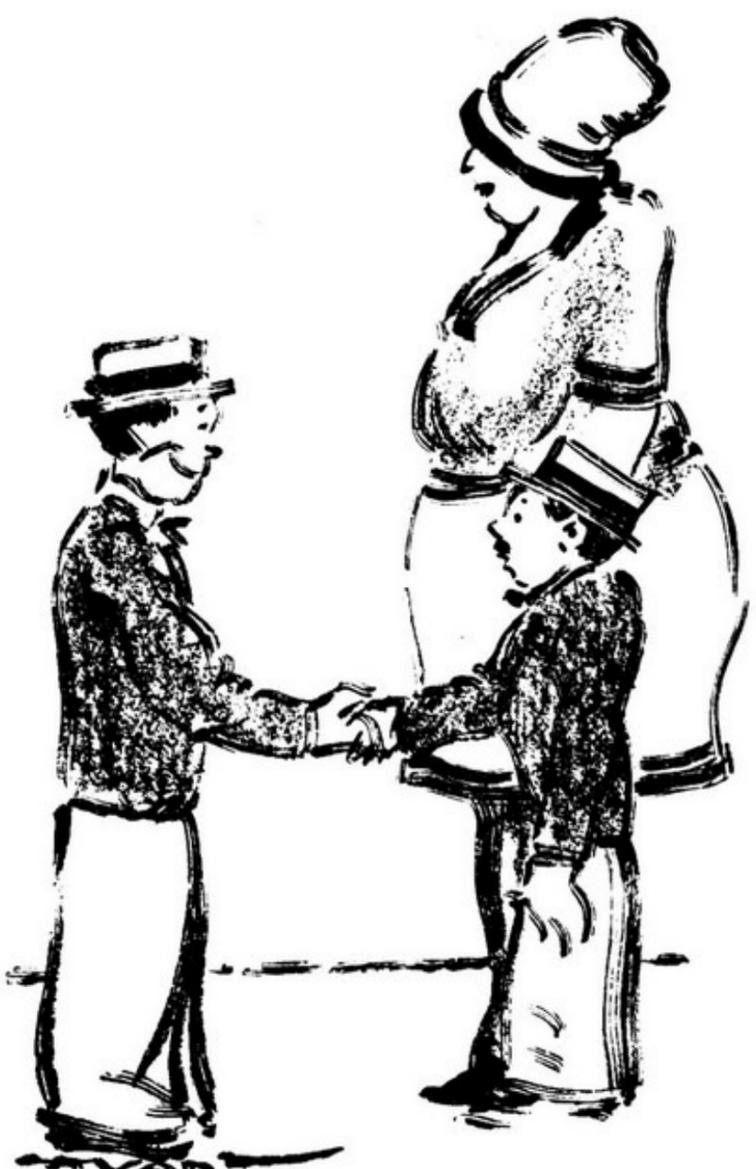
domador de serpentes, que veio em auxilio dos dois artistas e conhecedor das madeiras da região, ofereceu-se para construir uma pá nova, oferta que lhe valeu os maiores encomios e *bebe-os*. Lim-Pó-Pó trabalhou por uma *pá velha*, mais do que um *tari marimbando* em domingo de toiros de morte certa. Ao meio dia, o aparelho podia considerar-se em condições de voar. Pirolit, ajudado por Jorge e Lim-Pó-Pó, empurraram a aeronavo para um *campo grande* que havia proximo. O possante motor entrou do roncar, mas o aviador não conseguiu descolar, apesar de varias tentativas, porque a cola era muito forte. Tendo alijado alguma carga e gasolina, ao fim de meia hora o aparelho elevava-se no espaço, aterrando pouco depois.

Jorge e a dactilografa, vendo naquele aeroplano a redenção, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, pediram a Pirolit que os tirasse daquela ilha, onde tinham vindo parar em virtude do naufragio da paquete *Barbatana*. Pirolit acedeu da melhor vontade em levá-los, fazendo igual convite a Lim-Pó-Pó e sua esposa. E ás duas horas da tarde, quando o sol ardente cahia sobre a ilha, os cinco viajantes subiram para as nuvens, impulsionados pelo valente motor de Pirolit que bate que bate...

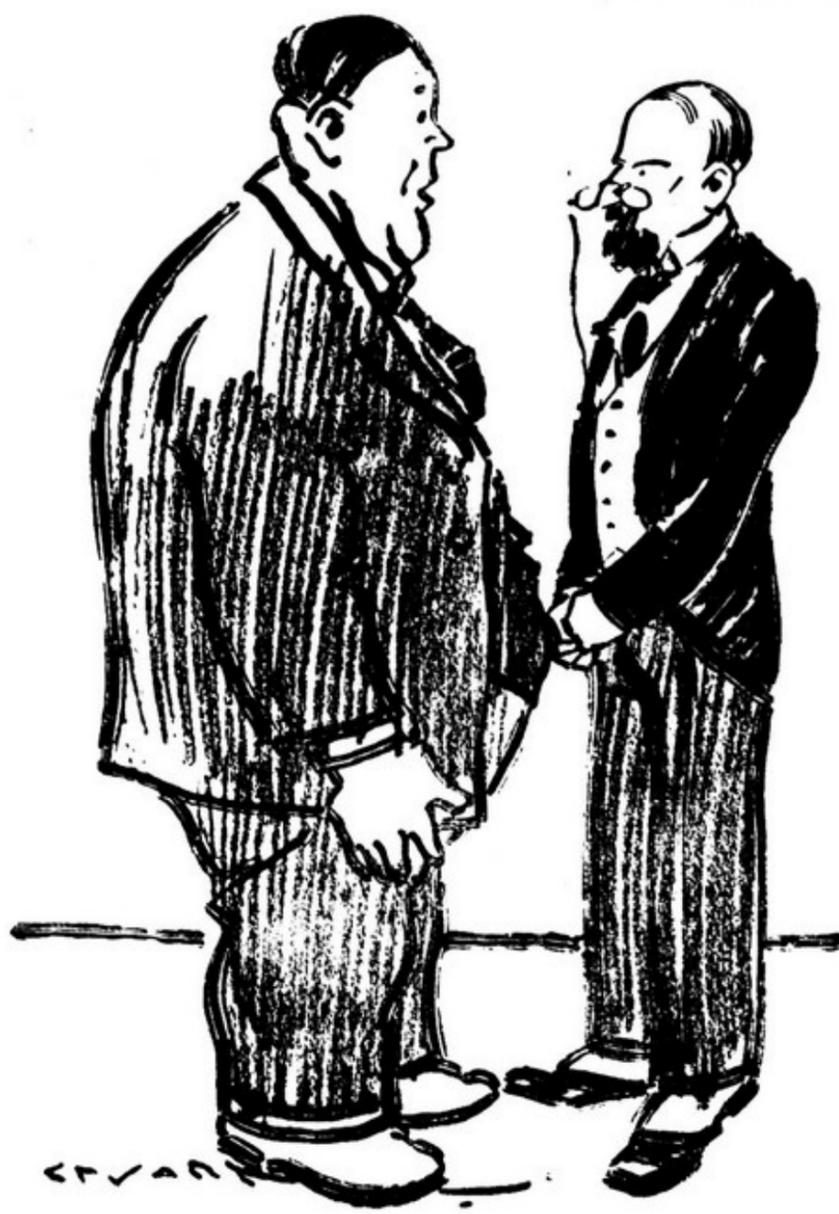
(Continúa).



— Teu pai vinha bebado?  
 — Nem por isso. Só deu dois socos na mãe.



— Oh, filho, estás com uma grande "grossura".  
 — Isso não é verdade...  
 — Então tu pensas que eu não a vejo.



— Oh! meu caro doutor, o que eu queria era um remédio para emagrecer.  
 — Case-se e vá para a casa da sogra.